

FO11
821 297114
1

Conto com bicho pañao e princesa

Ricardo Mariño



Mercosur lee

ARGENTINA

INV	029714
SIG	Foll 82
LIB.	1

"Cuento con ogro y princesa" de Ricardo Mariño
en *Cuentos del Pajarito remendado (colección)*, Ediciones Colihue, 1996.
© Ediciones Colihue

Traducción al portugués: Laura Berchansky
Agradecemos la colaboración de la Embajada de Brasil en Argentina

Imagen de tapa: Micaela Bueno sobre ilustración de Laura Cantón
Ilustraciones de Laura Cantón
Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: "Mercosur lee"

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología

Unidad de Programas Especiales

Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075

campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005

CONTO COM BICHO PAÑAO E PRINCESA

RICARDO MARIÑO



Foi assim: eu estava escrevendo um conto sobre uma Princesa. As princesas, sabe-se, são bonitas, tem vestidos maravilhosos e, geralmente são um pouco tontas. A Princesa do meu conto havia sido raptada por um espantoso Bicho Papão.

O Bicho Papão tinha levado a princesa até sua casa-cova. A havia amarrado a uma cadeira e estava cortando lenha. Pensava cozinhá-la "princesa no forno com batatas". As batatas já estavam descascadas.

E agora precisava salvar a Princesa.

Mas eu não imaginava como salvá-la. O conto tinha empacado nesse ponto: o Picho Papão cortava e cortava



lenha. A Princesa, coitada, tremia de medo. Eu fiquei nervoso. Mais ainda quando o Picho Papão acabou de cortar a lenha, carregou até à cozinha e começou a jogá-la no fogo. A qualquer momento deixaria de colocar lenha e colocaria a Princesa na enorme forma que estava a seu lado. Acrescentaria as batatas, um pouco de sal, e pronto, ao forno! O que fazer?

Então me surgiu a idéia de procurar uma lista telefônica. Rejeitei a idéia de chamar a Polícia (nos filmes e nos contos a polícia sempre chega tarde); também pensei em ligar para um detetive (mas não tolero que fumem cachimbo em meus contos). Finalmente achei algo que podia me servir:

"Rubinatto, Atilio, personagem de contos. TE 363- 9569"

-Olá! Falo com o senhor Atilio Rubinatto?

-Sim, senhor, com ele mesmo.

-Olhe, eu o chamava... em fim, pela Princesa...

-Que lhe acontece? Ela está triste?

-Sim, mais do que triste.

-Que terá a Princesa?

-Ela será cozinhada no forno.

-No forno?

-Sim. Com batatas.

-Quem?

-Quem vai o que?

-Quem vai cozinhá-la?

-O Bicho Papão, quem mais pode ser?



-Mas veja só, as coisas que acontecem! E a gente nem fica sabendo. Já não se pode sair na rua. A onde vamos parar? Casualmente hoje eu comentava com um amigo...

-Me escute, Rubinatto.

-Sim.

-Eu preciso que o senhor participe do conto.

-Que conto?

-O que estou escrevendo. Quero que o senhor seja o herói que salva à Princesa.

-Bom, não nego que a oferta é interessante mas, veja bem, ultimamente estou muito ocupado. Tenho trabalho atrasado...

-Trabalho atrasado?

-Claro. Tenho que interpretar um sapo pescador que vira sardinha em um conto que chama-se "Malvina, a sardinha bailarina". Também preciso distribuir trinta cartas em um conto onde interpreto um "velho carteiro bondoso". É um personagem muito lindo, todas as crianças gostam dele...

-O senhor pensa deixar que o Bicho Papão coma à Princesa? O senhor não tem sentimentos. É um monstro.

-Eu já disse, ando muito ocupado. Não sei, se me houvesse avisado antes, o faria com gosto... Me ligue em outro momento.

-Que outro momento? Se esperarmos mais um minuto, tchau Princesinha. Seu Rubinatto, o senhor não pode fazer isto, o que vão pensar seus admiradores...

-É verdade!

-Vão pensar que o senhor é um covarde, um...

-Está bom, está bom. Vou ver o que faço. Não, você tem que me dizer o que eu faço, O que faço?

-E... pode representar um vendedor de toalhas de mesa. É isso! Pronto! O senhor interpreta um vendedor de toalhas de mesa. Chega até a casa do Ogro. Bate na porta. Quando o Bicho Papão abre, o senhor dá uns murros nele. Depois desamarra à Princesa e foge com ela... O que o senhor acha?

-Nem doido! Vendedor de toalhas de mesa? Eu interpreto o Príncipe ou nada. E ao final, depois que salvo a princesa, caso com ela.

-Não, o senhor será vendedor de toalhas de mesa.

- Príncipe!

-Vendedor!

-Príncipe ou nada!

-Está bem, então represente o Príncipe... vai estragar meu conto mas, pelo menos salva a Princesa.

-E chego de cavalo branco e tenho uma grande capa dourada.

-Sim, todo o que o senhor quiser, mas se apresse porque se não...!

-E agora a coloco na forma e pronto -disse o espantoso Picho Papão, belizcando a bochecha



da Princesa.

Nesse momento se escutou que alguém gritava, fora da casa!

–Eh! Tem alguém na casa? Quem será? O Bicho Papão olhou pela janela. Viu que, do outro lado da grade da sua casa-cova havia um homem muito estranho montado num cavalo branco. Vestia uma capa dourada mas dava para perceber que havia se vestido às pressas. Levava a roupa mal colocada, a camisa fora, uma bota sem amarrar e o cabelo sem pentear.

–O que o senhor quer? – perguntou-lhe o Bocho Papão desde a janela.

–Sou o Príncipe Atilio.

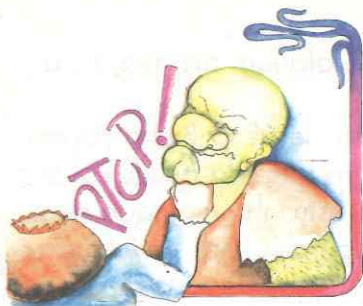
E eu, o que tenho a ver com isso? –respondeu o mal-educado Bicho Papão.

–É que estou vendendo toalhas de mesa...

–Toalhas de mesa, hein?

–Sim. Tenho algumas em oferta que podem lhe interessar. Laváveis. Estampadas. Confeccionadas com fibras de três milímetros. Em qualquer loja custam dois ou três reais. Eu, o





Príncipe Atilio, as posso vender para você por três centavos.

O Bicho Papão pensou. Realmente não seria uma idéia ruim comprar uma linda toalha de mesa. A cova estava nojenta. E já que iria ter um banquete de "princesa

ao forno com batatas", Por que não estreiar uma toalha de mesa, já que estavam tão baratas?

-Aguarde. Já lhe abro -disse o Ogro.

Atilio baixou do cavalo.

Cá vem a parte das pancadas.

-Tome. Pegue a toalha -lhe disse o Príncipe Atilio.

Quando o Bicho Papão a pegou, Atilio lhe deu um murro que o fez voar, exatamente, 87 metros e 34 centímetros.

Mas o Bicho Papão ficou em pé, arrancou um salgueiro de



mais de 3600 kilos e com ele bateu na cabeça do Príncipe. Antes de que o Bicho Papão pulasse sobre ele para eliminá-lo, o Príncipe pegou uma pedra de quatro quilos, mais ou menos, e a jogou no dedo polegar do pé direito. O Bicho Papão se esquivou e, rapidamente, fez um poço na terra, de um metro e meio de diâmetro e dez metros de profundidade, para que o Príncipe caísse lá dentro.

Era uma briga muito dura.

O Príncipe, caros leitores, infelizmente caiu no poço.

O Bicho Papão voltou contente à sua casa.

Mas quando chegou, a Princesa não estava. O cavalo branco do Príncipe a havia desamarrado. A Princesa subiu no cavalo e juntos foram tirar o Príncipe Atilio do poço.

–Minha amada –lhe disse o Príncipe Atilio lá de baixo ao reconhecer o rosto angelical da Princesa.

–Meu amado –respondeu a Princesa.

–Tinha vindo para te salvar – disse o Príncipe.



-Oh! Que valente!
-Tinha vindo por ti.
-Você tinha vindo por mim?

-Mas se você não me tira daqui eu não poderei salvá-la.

-Oh! se eu não tirar você daí então não poderá me salvar.

-Minha amada!

-Meu amado!

-Apressem-se -reclamou o cavalo-. O Bicho Papão vai vir e este conto não vai acabar nunca.

Fugiram.

Casaram-se, e foram felices. Colocaram uma loja de toalhas de mesa e nunca mais lembraram do Bicho Papão.



CUENTO CON OGRRO Y PRINCESA

RICARDO MARIÑO



Fue así: yo estaba escribiendo un cuento sobre una Princesa. Las princesas, ya se sabe, son lindas, tienen hermosos vestidos y en general son un poco tontas. La Princesa de mi cuento había sido raptada por un espantoso Ogro.

El Ogro había llevado a la princesa hasta su casa-cueva. La tenía atada a una silla y en ese momento estaba cortando leña: pensaba hacer "princesa al horno con papas". Las papas ya las tenía peladas.

Es decir había que salvar a la Princesa.

Pero no se me ocurría cómo salvarla. El cuento estaba estancado en ese punto: el Ogro dele y dele cortar leña y la Princesa, pobrecita, temblando de miedo. Me puse nervioso. Más



todavía cuando el Ogro terminó de cortar, acarrió la leña hasta la cocina y empezó a echarla al fuego. En cualquier momento dejaría de echar leña y acomodaría a la Princesa en la enorme fuente que estaba a su lado. Agregaría las papas, un poco de sal, y zas, ¡al horno! ¿Qué hacer?

Se me ocurrió buscar en la guía telefónica. Descarté llamar a la policía (en las películas y en los cuentos la policía siempre llega tarde); tampoco quise llamar a un detective (no soporto que fumen en pipa en mis cuentos). Por fin, encontré algo que me podía servir:

"Rubinatto, Atilio, personaje de cuentos. TE 363-9569"

-Hola, ¿hablo con el señor Atilio Rubinatto?

-Sí, señor, con el mismo.

-Mire, yo lo llamaba... en fin, por la Princesa...

-¿Qué le pasa? ¿Está triste?

-Sí, más que triste.

-¿Qué tendrá la Princesa?

-La van a hacer al horno.

-¿Al horno?

- Sí. Con papas.
- ¿Quién?
- ¿Quién qué?
- ¿Quién la va a cocinar?
- El Ogro, ¿quién va a ser?
- Pero mire un poco. ¡Las

cosas que pasan! Y uno ni se entera. Ya no se puede salir a la calle. Adónde iremos a

parar. Casualmente hoy le comentaba a un amigo que...

-Escúcheme, Rubinatto.

-Sí.

-Lo que yo necesito es que usted participe en el cuento.

-¿Qué cuento?

-En el que estoy escribiendo. Quiero que usted haga de héroe que salva a la Princesa.

-Bueno, no le niego que la oferta es interesante pero, en fin, últimamente estoy muy ocupado. Tengo trabajo atrasado...

-¿Trabajo atrasado?

-Claro. Tengo que hacer de sapo pescador que se transforma en sardina en un cuento que se llama "Malvina, la sardina bailarina". Además, me falta repartir como treinta cartas en un cuento donde hago de "viejo cartero bondadoso". Es un personaje muy lindo, todos los chicos lo quieren...

-¿Piensa dejar que el Ogro se coma a la Princesa? Usted no tiene sentimientos. Es un monstruo.

-Ya le digo, ando muy ocupado. No sé, si me hubiera avisado con tiempo, lo hacía gustoso... Llámeme en otro momento.

-¡Qué otro momento! Si esperamos un minuto más, chau Princesita. Rubinatto, usted no puede hacer esto, qué pensarán sus admiradores...

-Es cierto...

-Van a pensar que usted es un cobarde, un...



-Está bien, está bien. Veré qué hago. No, usted tiene que decirme qué hago, ¿qué hago?

-Y... puede hacer de vendedor de manteles. Ahí está. Listo. Usted hace de vendedor de manteles. Llega hasta la casa del Ogro. Llama a la puerta. Cuando el Ogro abre, usted le da un par de sopapos. Después desata a la Princesa y escapan... ¿qué le parece?

-¡Ni loco! ¿De vendedor de manteles? De Príncipe o nada. Y al final, después que la salvo, me caso con ella.

-No, de vendedor de manteles.

-¡De Príncipe!

-¡Vendedor de manteles!

-¡Príncipe o nada!

-Está bien, haga de Príncipe... me va a arruinar el cuento pero por lo menos salva a la Princesa.

-Y llego en un caballo blanco y tengo una gran capa dorada.

-Sí, todo lo que quiera, pero apúrese porque si no...

-Y ahora la meto en la fuente y listo -dijo el espantoso Ogro, pellizcando el cachete de la Princesa.



En eso se escuchó que alguien gritaba fuera de la casa-cueva:
-¡Ehh! ¿Hay alguien en la casa? ¿Quién sería? El Ogro se asomó a la ventana. Vio que del otro lado de la verja de su casa-cueva había un tipo muy extraño montado en un caballo blanco. Llevaba una capa dorada pero se notaba que se había vestido de apuro. Tenía la ropa mal puesta, la camisa afuera, una bota sin atar, y el pelo desprolijo.

-¿Qué quiere? -le preguntó el Ogro desde la ventana.

-Soy el Príncipe Atilio.

-¿Y a mí qué me importa? -contestó el maleducado del Ogro.

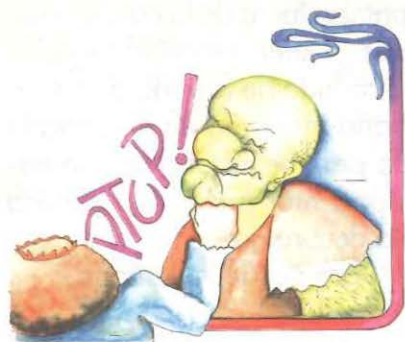
-Es que ando vendiendo manteles...

-Manteles, ¿eh?

-Sí. Tengo algunos en oferta que le pueden interesar. Lavables. Estampados. Confeccionados en fibras de tres milímetros. En cualquier negocio cuestan dos o tres pesos. Yo, el Príncipe Atilio, se lo puedo dejar en tres centavos.

El Ogro lo pensó. La verdad que no le venía mal un lindo mantelito. La cueva estaba hecha un asco. Y ya que se iba a





dar un festín de "princesa al horno con papas", ¿por qué no estrenar un mantelito si estaban tan baratos?

-Espere. Ya le abro -dijo por fin el Ogro.

Atilio bajó del caballo.

Acá viene la parte de las piñas.

-Tomá. Agarrá el mantel

-le dijo el Príncipe Atilio.

Cuando el Ogro lo agarró, le dio una trompada que lo hizo volar exactamente 87 metros y 34 centímetros. Pero el Ogro se levantó, arrancó un sauce de más de 3600 kilos y se lo dio por la cabeza al Príncipe. Antes de que el Ogro saltara sobre él a rematarlo, el Príncipe agarró una piedra de más o menos cuatro mil kilos y se la tiró sobre el dedito gordo del pie



derecho. El Ogro la esquivó y rápidamente hizo un pozo en la tierra de un metro y medio de diámetro y diez metros de hondo, para que el Príncipe cayera adentro.

Era una pelea muy dura.

El Príncipe, queridos lectores, desgraciadamente cayó al pozo.

El Ogro volvió contento a su casa.

Pero cuando llegó, la Princesa ya no estaba. La había desatado el caballo blanco del Príncipe. La Princesa subió al caballo y juntos fueron a sacar al Príncipe Atilio del pozo.

-Amada mía -le dijo el Príncipe Atilio desde allá abajo al reconocer el rostro angelical de la Princesa.

-Amado mío -respondió la Princesa.

-He venido a salvarte -le dijo el Príncipe.

-¡Oh! ¡Qué valiente!

-He venido por ti.

-Has venido por mí.





-Pero si no me sacas de aquí no podré salvarte.

-Oh, si no te saco de ahí no podrás salvarme.

-Amada mía.

-Amado mío.

-¿Por qué no se apuran un poco, che? -se quejó el caballo-. Va a venir el Ogro y este cuento no se va terminar nunca.

Huyeron.

Se casaron, fueron felices, pusieron una venta de manteles y nunca se acordaron del Ogro.



RICARDO MARIÑO

Nació en Chivilcoy, provincia de Buenos Aires en 1956; desde muy joven vive en la ciudad de Buenos Aires. Es escritor, periodista y guionista. Publicó más de treinta libros para chicos. Dirigió la revista *Mascaró*. Entre otros, recibió el premio Casa de las Américas (1988), por su libro *Cuentos ridículos*, y el premio Konex (1994) a su trayectoria como escritor de literatura infantil; obtuvo, además, varias recomendaciones de publicación de IBBY Internacional.

Para seguir leyendo: *Eulato* (1985); *El sapo más lindo del mundo* (1986); *Cuentos ridículos*, *Botella al mar*, *El mar preferido de los piratas* (1988); *Recuerdos de Locosmos* (1989); *Cuentos del circo* (1990); *Cinthia Scotch y la guerra al malón*, *Cuentos espantosos*, *La casa maldita* (1991); *El rapto y otros cuentos*, *El último planeta* (1992) *El insoportable* (1996); *Historia de Flechazo y la nube* y *La expedición* (1998); *Botella al mar* (1999); *Perdido en la selva* (1999); *Apuesta* (2000); *El mutante y otros cuentos* (2001); *Ojos amarillos* (2001); *Roco y sus hermanas* (2003).



PRESIDENCIA *de la* NACIÓN

MINISTERIO *de*
EDUCACIÓN
CIENCIA y TECNOLOGÍA



MERCOSUR



Organización
de Estados
Iberoamericanos
Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

